

A MELOLÍSTICA COMO MEIO ORGÂNICO PARA APROXIMAR-SE DA INTUIÇÃO

Annalisa Cangelosi

1.

Marcia Emery⁵⁶ (consultora e professora universitária em cursos sobre intuição – EUA), autora de *Using Intuition for Business*, precisa que, para poder confiar na intuição é indispensável “cortar” a quantidade excessiva de informações na mente, para poder ir “direto ao ponto” resolutivo. Acrescenta, além disso, que frequentemente a sobrecarga informativa determina-se porque, em vez de decidir confiando no próprio intuído, dirigimo-nos a *experts*, familiares e amigos, que – afirma – nos “submergem” de informações. Na realidade, é suficiente também apenas olhar um *outdoor* publicitário, ou escutar certo tipo de música, para sermos “bombardeados” de informações.

Disso a maioria tem ou teve experiência, e é esta a razão pela qual muitas Escolas, Associações, Sociedades de consultoria etc., estão se interessando pelo modo como criar um “ambiente” ótimo para a nossa mente, ou seja, de como seja possível “liberá-la” de informações inúteis, com o fim de consentir a leitura límpida da intuição.

2.

As metodologias propostas podem ser subdivididas em três grupos principais⁵⁷:

⁵⁶ <http://www.powerhunch.com>

Veja-se também o quanto exposto por Oliver Recklies:
http://www.themanager.org/Strategy/Change_Problems.htm

⁵⁷ Além de outros Autores relatados, pode-se consultar também:

<http://www.hansonmarketing.com>

<http://www.aibf.com.au/resource/seminars.htm>

<http://www.seishindo.org>

<http://www.intuita.com>

- a) Métodos estritamente “mentais”.
- b) Métodos que se valem de técnicas corpóreas.
- c) Métodos que utilizam suportes técnicos (livros, CDs, perfumes etc.)

a) O que se refere às metodologias “mentais”, amplamente utilizadas especialmente no mundo anglo-saxônico, o procedimento proposto é genericamente o seguinte: 1) atingir um estado de relaxamento por meio da respiração ou da meditação, feita com olhos fechados e em um ambiente tranqüilo; 2) focalizar o problema a resolver; 3) esperar a resposta resolutiva. Se ela não chegar, repetir a seqüência até que ela seja visualizada.

Segundo esses autores, a meditação (ou estados psicológicos similares), reduzindo a freqüência das ondas cerebrais, conduziria a um estado semi-onírico, durante o qual o ser humano poderia – como afirma Franca Silvani em *Meditazione per tutti*⁵⁸ – “entrar espontaneamente em contato com dimensões superiores e receber inspirações ou intuições”.

Trazendo alguns exemplos, Roger Frantz⁵⁹, professor de Economia da Universidade Estatal de San Diego e co-autor de *Intuition at Work: Pathways to Unlimited Possibilities*, aconselha visualizar as diversas possibilidades como se fossem “portas”: abrindo as diversas portas, o sujeito deve prestar atenção às imagens que vê, anotá-las, e depois escolher aquela que “sente” mais adequada.

Há também quem sugira exercícios a serem desenvolvidos cotidianamente. É o caso de Nancy Fenn⁶⁰, formadora intuitiva norte-americana, que propõe desenvolver o hemisfério direito do cérebro (sede das atitudes criativas, intuitivas etc., do ser humano), por exemplo, estando completamente imóveis, relaxados, com olhos fechados, e tentando adivinhar a pessoa que poderia ter nos enviado um e-mail, quem nos chamará ao telefone etc. (e sucessivamente verificando as respostas).

Este primeiro grupo de métodos apresenta sem dúvida elementos positivos, quais sejam – por exemplo – o sublinhar a importância da tranqüilidade psicofísica, da fundamental função da respiração etc.

⁵⁸ Gruppo Editoriale Futura, Milão, 1998.

⁵⁹ http://www.winstonbrill.com/bri1001/html/article_index/articles/251-300/article270_body.html

⁶⁰ <http://www.theintrovertzcoach.com>

Evidencia-se, porém, um grande limite, que reduz notavelmente a aplicabilidade dessas técnicas e a possibilidade da sua utilização de modo científico: a *total falta de um critério*, ou melhor, o princípio sobre o qual se baseia um método (do grego *krino* = julgo, a regra usada para distinguir o que é verdadeiro e o que é falso). O fato de visualizar as respostas a perguntas que se põe, ainda que em favoráveis condições psicológicas, não garante absolutamente que elas correspondam a intuições. Onde se originam aquelas imagens? De uma memória? De uma convicção inconsciente? De um medo? Se o quanto afirmado por esses autores fosse verdadeiro, todos deveriam ter sucesso no trabalho, na vida pessoal etc.: bastaria relaxar, fechar os olhos e aguardar a intuição. Mas é suficiente tentar para verificar a *casualidade* das respostas obtidas: ainda que uma só delas fosse errada (ou melhor, não levasse ao resultado desejado), a *cientificidade* do método não seria confirmada.

b) No que tange ao segundo grupo de metodologias, muitas Escolas se baseiam em técnicas orientais – artes marciais, Ioga etc. – que são tradicionalmente baseadas em princípios filosóficos e que – através do movimento, conexo a uma boa respiração – propõem, antes de qualquer coisa, atingir um estado de equilíbrio psicológico.

Entre os diversos autores, Swami Durgananda⁶¹ (alemã de nascimento, mas formada na Índia), difunde as técnicas do *yogin* indiano Swami Vishnu-devananda, o qual afirma – diferentemente de muitos autores – que a intuição seja claramente distinta do instinto, uma vez que este último está ligado aos sentidos, enquanto a intuição é uma espécie “êxtase”, e elaborou um sistema de técnicas de ioga que são propostas em cursos coletivos em toda a Europa. Afirma que, por meio do seu método (baseado também na *pranayama*, a antiqüíssima técnica respiratória indiana), seja possível “imersão” no subconsciente, parando a mente e os pensamentos “pesados” (ou seja, os pensamentos racionais, que impedem a leitura da intuição), e consentindo à mente subconsciente refletir a intuição na consciência, como se fosse um raio laser.

Outras escolas remetem-se à dança, promovendo em particular, a biodança (idealizada no Chile pelo Prof. Rolando Toro⁶²), a dança-terapia e a

⁶¹ <http://www.sivananda.org>

⁶² <http://www.biodanza.org>

musicoterapia (pela qual se considere o Prof. Rolando Benenzon⁶³ – Argentina).

Essas técnicas, em grande parte similares, baseiam-se em uma combinação de dança (em parte guiada pelo técnico), música (geralmente gravada e muito estimulante da emocionalidade dos sujeitos) e emoção (é dada muita importância ao contato físico entre os participantes, com o fim de liberar a mente da estereotipia de proximidade em relação ao outro, de tal modo criando um estado mental mais sereno). O escopo é aquele de “derreter” os bloqueios que um estilo de vida exclusivamente racional e intelectual podem provocar no ser humano, de modo que suas capacidades intuitivas, criativas e expressivas possam emergir.

A partir da análise deste segundo grupo emerge a indubitável preparação técnica dos operadores das diversas Escolas, que – entre outras coisas – valem-se de métodos, em alguns casos, milenares.

Não obstante isso, também neste caso deve-se verificar um notável limite no que tange ao critério. Todas as metodologias propostas, de fato, remetem-se a *critérios externos* ao sujeito participante, portanto não universais (poderiam ser adequados para uma pessoa, mas não para outra). As músicas utilizadas para as disciplinas ligadas à dança, assim como os movimentos das artes marciais, da Ioga etc., são de fato fixos, padronizados e escolhidos por outros (o fundador daquela disciplina, o idealizador daquele método etc.).

c) No terceiro grupo estão inclusos os métodos que se valem – de forma exclusiva ou em combinação com as técnicas do primeiro ou do segundo grupo – de suportes específicos tais como: livros, fitas-cassetes, CDs, perfumes, alimentos etc.

É o caso, entre outros, de Collen-Joy Page⁶⁴ (consultora intuitiva sul-africana) e dos psicoterapeutas profissionais australianos Lyndall Briggs e Gary Green⁶⁵. Estes últimos são os idealizadores de *Self Development*, um programa completo de *kits* – vendidos por correspondência – para resolver problemáticas de vários gêneros, entre as quais também a melhora em âmbito econômico. O programa completo compreende um CD com sugestões

⁶³ <http://www.musicoterapia.org.ar>

O Prof. Benenzon teve oportunidade de encontrar o Prof. A. Meneghetti em 1987 em Roma. Cf. Revista *Ontopsicologia* n.2, abril/junho 1987, p.46.

⁶⁴ <http://www.collenjopage.com>

⁶⁵ <http://www.selfdevelopment.biz>

sobre o argumento, barras alimentares e óleos essenciais (por exemplo, para estimular a intuição é proposta uma essência à base de fragrâncias silvestres – pinho, almíscar etc.). Garantem que a escuta de trechos do CD (que inclui músicas sugestivas), combinado com o uso dos produtos sugeridos, permite atingir um estado mental ótimo.

Deve-se precisar, sempre, que mais ou menos todos os autores que se interessam pela intuição, dedicam-se à promoção dos próprios livros, considerando-os um suporte eficaz, se não indispensável (e sem dúvida – pode-se observar – um ótimo expediente comercial...).

Para esse terceiro grupo evidencia-se, como para o primeiro, a ausência de um critério científico e deve ser, além disso, adicionado o *risco* que a utilização de “suportes” do gênero comporta (basta pensar nas barras alimentares...), risco aumentado também pelo tipo de venda – por correspondência – que não permite uma relação direta com o fornecedor (o consultor intuitivo).

3.

Tomando agora em consideração a Ontopsicologia, é necessário antes de qualquer coisa precisar que esta ciência nasce a partir da práxis clínica bem-sucedida, isto é, de um resultado *verificado nos fatos*, sem exceção, há mais de trinta anos. Esta ciência fez três descobertas, entre as quais o Em Si ôntico, o critério sobre o qual fundamenta todo o próprio método. É o *critério de natureza*, ou seja, representa o modo com o qual a natureza constituiu o ser humano⁶⁶. Não se trata, portanto, de um critério opinativo, mas sim *objetivo* (posto que o modo pelo qual o ser humano é feito é estabelecido por leis universais, não depende do homem). Esta é uma primeira diferença fundamental em relação aos métodos apresentados precedentemente.

Entre os seus instrumentos de intervenção – ou melhor, entre aqueles instrumentos através dos quais ela opera – a Ontopsicologia possui também instrumentos psico-corpóreos. Trata-se da melolística, que constitui também a base para a melodance e a hidromúsica solar⁶⁷.

⁶⁶ Com tal propósito, quem se interessar em conhecer melhor como o fundador da Ontopsicologia – o Acad. Prof. Antonio Meneghetti – chegou a esta descoberta, pode referir-se ao *Manual de Ontopsicologia*, op.cit. - § ‘Práxis do critério organísmico’ na Introdução e cap. ‘As três descobertas’, parte I.

⁶⁷ Cf. MENEGHETTI, A. *Manuale di Melolistica*. 2.ed., Psicologica Ed., Roma, 2000.

A melolística é uma atividade que se desenvolve em grupo (de dez a quarenta pessoas), com olhos fechados (para evitar distrações e estar mais concentrados em si mesmos), por uma duração de aproximadamente quarenta e cinco minutos. O ideal seria a frequência semanal.

Nessa atividade, a dança é efetuada segundo ritmos que reproduzem o ritmo das células do organismo humano sadio. No nosso corpo, as células não estão paradas, mas sim em contínua vibração, como se bailassem constantemente. Às vezes, porém, por causa do cansaço, do estresse, e de tantos outros fatores, alguns pontos do organismo permanecem bloqueados, e adverte-se o corpo como um *peso*. Na melolística essas partes são reativadas, posto que o operador (o melolista), por meio da leitura do campo semântico (uma das descobertas próprias da Ontopsicologia), pode ler a musicalidade *já insita* no organismo dos participantes, e amplificá-la com instrumentos de percussão, como tambor, conga, bongôs, ou qualquer outro instrumento que tenha ressonância em nível viscerotônico, de modo particular no diafragma. Na melolística, de fato, o ritmo de base é aquele diafragmático, assim como o movimento fundamental executado (mesmo quando se movem todas as outras partes do corpo) é um pulsar, um co-vibrar do diafragma em sincronismo com o ritmo; de tal modo, é restabelecido o movimento natural celular. Portanto, o melolista – que se torna tal por meio de um curso de formação de quatro anos – não propõe o seu ponto de vista, mas atém-se às exigências concretas dos participantes, os quais não devem executar movimentos preestabelecidos, mas são livres para mover-se segundo o próprio prazer (outra diferença importante em relação aos métodos descritos precedentemente).

Como se coliga isto à sobrecarga informativa?

Do mesmo modo que, em nível corpóreo, a melolística “desbloqueia” as partes somáticas paradas ou cansadas, em nível mental, ela reativa o movimento das células nervosas (os neurônios), posto que consente a estas células “dançarem” sob um ritmo harmônico ao da própria natureza. Do momento que, por sua própria específica constituição, cada célula se nutre daquilo que a identifica, enquanto expelle o que não lhe é próprio, durante a melolística são eliminadas as informações em excesso em nível cerebral. Se antes da melolística, por exemplo, sentia-se a cabeça pesada, falta de lucidez, confusão mental etc., o efeito que se experimenta imediatamente após (e mesmo nos dias subseqüentes, conforme o participante vive este benefício) é uma

maior leveza, mais clareza de análise, incrementada capacidade resolutive etc. E tudo isso depende simplesmente de uma *variação concreta em nível biológico*.

A esse ponto, torna-se possível ler a informação otimal do momento, ou seja, a intuição.

Em conclusão: porque escolher a melolística como meio para reduzir a sobrecarga informativa que limita a intuição?

a) Porque esta atividade vale-se de um *método* cuja cientificidade é comprovada por resultados sem exceção sobre milhares de indivíduos de todas as raças, classes sociais etc.

b) Para um *uso mais econômico do tempo e do próprio dinheiro*. Os métodos sobre os quais se falou propõe freqüentemente cursos de 2 a 3 dias que mediamente custam 500 dólares; um *kit* personalizado de *Self-development* custa mais de 550 euros; a hora dos consultores intuitivos, além disso, está entre as mais altas no âmbito da consultoria. A melolística não comporta esse tipo de despesa, e bastam 45 minutos por semana para assegurar-se de uma plena funcionalidade psicofísica.

c) Além de tudo, os efeitos verificados nesta atividade, vão além daqueles expostos sinteticamente neste artigo. É uma atividade extremamente prazerosa⁶⁸.

⁶⁸ Junto à Universidade Estatal de São Petersburgo foi discutida uma tese de Especialização profissional em Psicologia com abordagem ontopsicológica, que se referia as variações aportadas pela melolística em âmbito pessoal, laboral e social. Foi verificado que fazer semanalmente a melolística influencia positivamente, sobretudo a esfera pessoal da personalidade (estética, auto-estima etc.).